

FOLHA DE S.PAULO



CORONAVÍRUS ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/COTIDIANO/CORONAVIRUS](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/coronavirus))

Fake news sobre Covid-19 produzidas por grupos antivacina saltam 383%, diz estudo

Seis usuários respondem por quase metade das publicações; restante foi publicado por 50 outras contas

21.ago.2020 às 15h17

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/08/22/>)

Matheus Moreira (<https://www1.folha.uol.com.br/autores/matheus-moreira.shtml>)

SÃO PAULO Um estudo feito pela União Pró-Vacina da USP (Universidade de São Paulo) revela que grupos antivacina (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mathias-alencastro/2020/07/o-cloroquiner-esta-prestes-a-virar-um-antivaciner.shtml>) brasileiros no Facebook aumentaram em 383% a quantidade de fake news publicadas sobre possíveis imunizantes contra o novo coronavírus.

Foram analisadas 155 publicações de maio a julho e as descobertas apontam que toda a movimentação nos grupos foram geradas por apenas 56 usuários, sendo que 47,7% apenas por seis deles. Não é possível, no entanto, saber se uma pessoa administra duas ou mais contas na rede social.

Em franco avanço nos EUA e na Europa, os grupos antivacina ainda têm pequena ressonância no Brasil. Pesquisa do Datafolha neste mês mostrou que, uma vez produzida uma vacina efetiva e segura contra o novo coronavírus, 89% das pessoas pretendem se vacinar

(<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/89-dizem-querer-se-vacinar-contracovid-19-assim-que-houver-opcao-mostra-datafolha.shtml>).

Teme-se, contudo, que a polarização ideológica em temas de saúde possa dar impulso aos negacionistas (<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/06/rede-antivacina-no-brasil-importa-teorias-da-conspiracao-e-cresce-com-recomendacoes-do-youtube.shtml>) da vacina no país.

De acordo com o estudo, as publicações foram compartilhadas 1.505 vezes. A maior parte do engajamento são reações à publicação (3.283), seguida de comentários (1.141)

A maior parte das publicações antivacina são imagens (39,3%), seguida de vídeos (31,6%), links (26,5%) e outros (2,6%). Além disso, pelo menos 35% das publicações analisadas pelos pesquisadores são importadas, ou seja, estavam em língua estrangeira ou foram traduzidas. Os idiomas com maior capilaridade no Brasil são inglês, espanhol, italiano e russo.

Os temas vão de teorias conspiratórias à possibilidade de as vacinas causarem abortos.

Um segundo estudo, este global e realizado pela Avaaz, uma rede de mobilização social, estudou como o algoritmo do Facebook facilita a disseminação de informações falsas ou distorcidas por grupos antivacina no mundo e concluiu que, no último ano, essas publicações alcançaram 3,8 bilhões de visualizações em apenas cinco países (EUA, Reino Unido, França, Alemanha e Itália).

Do total de conteúdos analisados, cerca de 30% era sobre eventuais vacinas contra Covid-19.

Ainda de acordo com a publicação, os dez maiores sites que promovem desinformação no mundo tiveram, também no último ano, quatro vezes mais visualizações no Facebook do que as dez principais páginas de instituições de saúde, como a OMS (Organização Mundial da Saúde) e o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças).

"A Avaaz identificou que a maioria das informações falsas sobre saúde analisadas não tinha nenhum alerta do Facebook, apesar de aqueles conteúdos terem sido verificados por instituições independentes de prestígio", diz o comunicado.

Embora os estudos abordem recortes diferentes de um tema amplo, ambas as conclusões das pesquisas apontam que as redes de desinformação se propagam mais do que a informação científica

(<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/teorias-da-conspiracao-ameacam-a-ciencia-e-a-democracia.shtml>).

Preocupados com os resultados, os pesquisadores da Avaaz e da USP se uniram e demandam revisões do PL 2.630/2020, o Projeto de Lei de combate às Fake News. O texto do projeto, de acordo com o comunicado emitido em conjunto pesquisadores, pede mais formas de reparação além da compensação monetária, como direito de resposta, retratação e distribuição de informação.

O QUE OS PESQUISADORES SUGEREM

- Um usuário identifica o conteúdo/comportamento causador de danos individuais ou coletivos e o sinaliza para as plataformas, buscando reparação; ou
- As plataformas, por iniciativa própria, identificam o conteúdo/comportamento que viole a Lei ou seus termos de uso;
- A plataforma é, então, obrigada a distribuir informações factuais de fontes independentes para todos os usuários que foram expostos ao conteúdo/comportamento que viole a Lei/Termos de Uso;
- As plataformas devem garantir o uso de fontes independentes respeitadas (incluindo, mas sem limitação, o Tribunal Superior Eleitoral, a Organização Mundial da Saúde, a imprensa tradicional, verificadores de fatos etc.)

Os pesquisadores ainda sugerem que as plataformas sejam obrigadas a operar a retratação ou correção das informações. Medida que um outro

estudo, também realizado pela Avaaz, indica ser eficaz na redução da crença de pessoas em conteúdos desinformativos em 50%, podendo chegar à 61%.

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas ([conheça aqui \(https://login.folha.com.br/newsletter\)](https://login.folha.com.br/newsletter)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na [Apple Store \(https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711\)](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711) ou na [Google Play \(https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/fake-news-sobre-covid-19-produzida-por-grupos-antivacina-saltam-383-diz-estudo.shtml>